

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9354 | Salvador, de 17.07.2026 a 19.07.2026

Presidente em exercício Elder Perez



CAMPANHA SALARIAL



Até agora, só conversa

A terceira rodada de negociação entre o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos), realizada ontem, para discutir igualdade de oportunidades, monitoramento e endividamento, ficou apenas nas conversações, como ocorreu nas duas anteriores, que tiveram como pautas cláusulas sociais, emprego e fechamento de agências. É fundamental intensificar a mobilização, para garantir um bom acordo. Página 3

Comando Nacional dos Bancários negocia com a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos). Enquanto isto, a categoria tem de ampliar a mobilização por um acordo justo

MANOEL PORTO



Sobrecarga atinge a mulher desde a juventude

Página 2

Medo do Alzheimer cresce entre os brasileiros

Página 4

Dupla jornada desde 18 anos

Metade das mulheres concilia trabalho, estudo e atividade de cuidados

CAIO RIBEIRO
imprensa@bancariosbahia.org.br

A **SOBRECARGA** de trabalho começa cedo para as mulheres brasileiras. Estudo da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), em parceria com a Secretaria Nacional de Cuidados e Família, revela que, a partir dos 18 anos, metade das jovens já acumula dupla ou tripla jornada - concilia trabalho remunerado, estudos e atividades domésticas e de cuidado.

O levantamento também mostra que 90% das mulheres entre 15 e 29 anos realizam tarefas de cuidado, percentual superior ao dos homens da mesma faixa etária. A desigualdade é ainda mais acentuada entre as jovens negras, que dedicam mais tempo ao trabalho não remunerado e enfrentam maiores dificuldades para permanecer nos estudos e no mercado de trabalho.

A distribuição desigual das responsabilidades domésticas limita oportunidades de qualificação, emprego, lazer e autonomia financeira, além de ampliar os impactos sobre a saúde física e mental das mulheres. O estudo reforça a necessidade de políticas públicas de cuidado e de uma divisão mais equilibrada dessas tarefas.

Os dados evidenciam que a desigualdade de gênero vai além do mercado de trabalho e começa na juventude.

Os dados evidenciam que a desigualdade de gênero vai além do mercado de trabalho e começa na juventude.



Pressionada, a Caixa suspende descontos

A **PRESSÃO** do movimento sindical fez a Caixa suspender os descontos do Saúde Caixa incidentes sobre verbas remuneratórias recebidas por empregados em ações trabalhistas antes de 1º de janeiro de 2026. A decisão foi tomada após a CEE (Comissão Executiva dos Empregados) questionar a cobrança, incompatível com o que foi negociado no ACT (Acordo Coletivo de Trabalho).

A direção do banco reconheceu o problema e informou que interromperá temporariamente as cobranças para revisar os procedimentos internos antes de definir como será a retomada. Pelo ACT, a contribuição ao

Saúde Caixa deve incidir apenas sobre valores pagos a partir da vigência do acordo, sem previsão de cobrança retroativa.

Enquanto aguarda um posicionamento definitivo do banco, a orientação é para que os empregados que receberam a cobrança contestem junto à Caixa, além de não autorizar o desconto pelo Portal Integramais e procurar o sindicato da base, apresentando a memória de cálculo para análise.

O movimento sindical acompanha o caso e cobra a regularização da situação, reforçando que nenhuma cobrança retroativa pode ser imposta sem respaldo no acordo firmado com a categoria.



COE cobra transparência do Itaú

A **COE** (Comissão de Organização dos Empregados) do Itaú voltou a cobrar transparência nos processos de reestruturação e alertou para os impactos das mudanças sobre os trabalhadores. As alterações são implementadas sem diálogo e afetam a remuneração, as metas, as condições de trabalho e as perspectivas de carreira dos bancários.

Entre as principais preocupações estão a redução da remuneração variável após a reclassificação de carteiras no Segmento Empresas, a ampliação das me-

tas e a manutenção de diferenças salariais entre empregados que passaram a exercer funções equivalentes. A COE também

criticou o fim de premiações para gerentes e a falta de esclarecimentos sobre o retorno de profissionais às agências físicas.

Outro questionamento é a política de reembolso de despesas com visitas a clientes. Trabalhadores relatam que os valores estão defasados e, em alguns casos, acabam arcando com custos que deveriam ser assumidos pelo banco. Até o momento, o Itaú respondeu apenas sobre a equiparação salarial, mantendo a posição, sem apresentar soluções para as demais reivindicações.

A COE cobra respostas concretas. Para os sindicatos, as mudanças precisam ser conduzidas com transparência.



FOTOS: MANOEL PORTO



Enquanto o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban negociam, em São Paulo diretores do Sindicato e da Federação seguem com as manifestações em conversa com clientes e bancários



Manifestações na Pituba

AS MANIFESTAÇÕES do Sindicato dos Bancários da Bahia e da Federação da Bahia e Sergipe em Salvador e no interior seguem a todo vapor. Nesta quinta-feira, as visitas foram nas agências da região da Pituba. Os diretores denunciaram a nocividade do sistema financeiro que demite e fecha agências enquanto bate recorde de lucros.

A população e os bancários da Bahia conhecem bem a realidade. No Estado, o Bradesco foi o que mais encerrou as atividades na última década. Em 2016 tinha 317 unidades. Em 2025 eram 165. Menos 152 agências. A onda de fechamentos também implica no número de funcionários para atender a população, principalmente a mais vulnerável e os idosos, que têm dificuldades para acessar os canais digitais. O quadro de fun-

cionários das cinco maiores organizações caiu de 433.015 para 384.049 entre 2015 e 2025, redução de 48.966 postos.

Os bancários querem a interrupção dos fechamentos de agências, filas maiores e demora no atendimento.



Presidente do Sindicato, Elder Perez, acompanha de perto as discussões

Fenaban: só acumulando as demandas

Próxima rodada será na terça-feira, para tratar sobre saúde

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br



Presidente da Feeb, Andreia Sabino

TRÊS rodadas de negociações, uma extensa pauta apresentada pelo Comando Nacional dos Bancários e, até agora, nenhuma proposta concreta da Fenaban. A mesa de quinta-feira, em São Paulo, repetiu o mesmo roteiro. A Federação Nacional dos Bancos ouviu as demandas, mas seguiu sem apresentar respostas. Apenas acenou possibilidades.

O foco desta vez foi igualdade de oportunidades, combate às discriminações e endividamento. Enquanto os bancos gastam milhões em campanhas publicitárias sobre diversidade e inclusão, os números revelam uma realidade cruel nas agências e departamentos.

Estudo do Dieese mostra que, entre 2020 e abril de 2026, cerca de 80% das 31,1 mil vagas eliminadas no sistema financeiro eram ocupadas por mulheres. A desigualdade também aparece nos salários. As bancárias recebem, em média, 18,4% menos do

que homens brancos na mesma função. Entre as mulheres negras, a diferença chega a 34,2%.

A disparidade se repete nos cargos de liderança. Pessoas negras representam apenas 25,2% das posições de comando. Embora as mulheres ocupem quase metade desses cargos, elas recebem, em média, 26% menos do que os homens que exercem as mesmas funções.

A pauta cobra medidas efetivas para garantir igualdade de oportunidades, valorização profissionais e mecanismos de combate ao racismo, ao sexismo e à LGBTfobia.

Novidades

Apesar de não decidir nada concretamente, a Fenaban sinalizou a possibilidade de contratar consultoria especializada para tratar dois assuntos: a adoção da jornada 4x3 e igualdade de oportunidade na questão salarial. Acenou positivamente para a criação de um canal de denúncias do cliente que praticar racismo, assédio sexual e outras formas de violência contra os funcionários, além de criar material informativo sobre tais crimes.

O presidente do Sindicato da Bahia, Elder Perez, reforça que as demandas são construídas com coerência e dados. Mas, a Fenaban ignora.

Alzheimer, segunda doença mais temida

Enfermidade mete medo em cerca de 13% das pessoas. Perde apenas para o câncer

CAIO RIBEIRO
imprensa@bancariosbahia.org.br

O **ALZHEIMER** é a segunda doença mais temida pelos brasileiros, atrás apenas do câncer, aponta o Datafolha. Segundo a pesquisa, 13% das pessoas apontam o problema de saúde como a maior preocupação. Já a neoplasia lidera com 75%.

O estudo também revela que a doença

está cada vez mais presente no cotidiano das famílias. Quatro em cada 10 brasileiros afirmam conhecer alguém com diagnóstico de Alzheimer. O cenário ajuda a explicar o aumento da preocupação, especialmente diante do envelhecimento da população e do impacto da doença na memória, autonomia e na dinâmica familiar.

Apesar do alto nível de preocupação, especialistas alertam que ainda há falta de informação e atraso no diagnóstico. A maioria das pessoas reconhece a importância de buscar atendimento médico ao perceber sinais da doença, mas, na prática, o diagnóstico costuma ocorrer apenas em

estágios mais avançados, o que dificulta o tratamento e reduz a qualidade de vida dos pacientes.

Outro desafio é o subdiagnóstico. No Brasil, cerca de 80% dos casos de Alzheimer não são identificados. Diante disto, cresce a necessidade de ampliar o acesso à informação, estimular o diagnóstico precoce e fortalecer políticas públicas de cuidado.



No Brasil, quatro em cada 10 pessoas conhecem alguém com Alzheimer

Jorge Pra Sempre Verão na Caixa Cultural

O **ESPETÁCULO** *Jorge pra Sempre Verão*, que traz uma narrativa fictícia permeada de fatos verídicos da trajetória do artista que popularizou a personagem Vera Verão, pode ser conferido na Caixa Cultural Salvador, de 25 de julho a 2 de agosto. Às sextas-feiras e sábado, às 20h; domingo, às 19h.

A temporada na Bahia vai contar ainda com sessões acessíveis em Libras aos sábados e um encontro especial entre artistas e público após a apresentação de sexta-feira.

Assistida por mais de 20 mil pessoas em seis estados, a montagem, além de apresentar uma biografia de Jorge Laffond, parte de experiências individuais para refletir sobre questões mais amplas relacionadas a racis-

mo, homofobia, pertencimento e memória.

As vendas de ingressos começam no dia 21 de julho, por meio da plataforma Sympla. Os preços são R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia).



Apresentações acontecem de sexta a domingo



SAQUE

Rogaciano Medeiros

ENCRUADA SERVIDÃO A Confederação Nacional da Indústria expressou preocupação com o novo tarifaço dos EUA contra produtos brasileiros e apontou as consequências nefastas para a economia, mas não teve coragem para fazer uma veemente condenação à atitude de Trump, vale lembrar, apoiada por Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e boa parte da obtusa base da CNI. É o vício da servidão.

VIRALATISMO RAIZ Os impactos negativos do novo tarifaço de Trump contra o Brasil são tratados pela CNI como se fossem um fenômeno natural, inexorável, impossível de ser enfrentado e superado com atitude política e altivez. Despolitiza a questão por interesse de classe. Deveria reagir com contundência, pois a indústria é o setor mais prejudicado. Se dobra aos EUA por puro viralatismo.

ELITES INVERTEBRADAS Como é comum nos países colonizados, as elites brasileiras foram formadas para servir ao império de plantão. Já foi Portugal, França, Reino Unido e agora se dobram aos EUA. São invertebradas, portanto, se amanhã a China se tornar mesmo, como tudo indica, o centro do macro poder global, servirão aos chineses com a fidelidade canina de sempre. Só a decolonialidade cura.

PALPITANTE DEBATE Um bom debate travado atualmente nas Ciências Sociais é se a forma como a China busca a hegemonia global, baseada na cooperação entre os povos e no respeito à multipolaridade, pode ser caracterizada também como imperialismo ou a expressão só cabe à conduta tradicional dos EUA e Europa, de usarem o poderio militar para saquear a riqueza das nações.

NO TECNOFEUDALISMO Para os interessados em conteúdos capazes de jogar luz na interpretação dos fenômenos políticos, econômicos, sociais e ideológicos que interferem hoje na luta pelo poder global, vale a pena a leitura do livro *Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo*. O autor, Yanis Varoufakis, defende a tese de que as *big techs* têm destruído os estados nacionais, o liberalismo e o processo civilizacional.